

CORYNTHO DA FONSECA

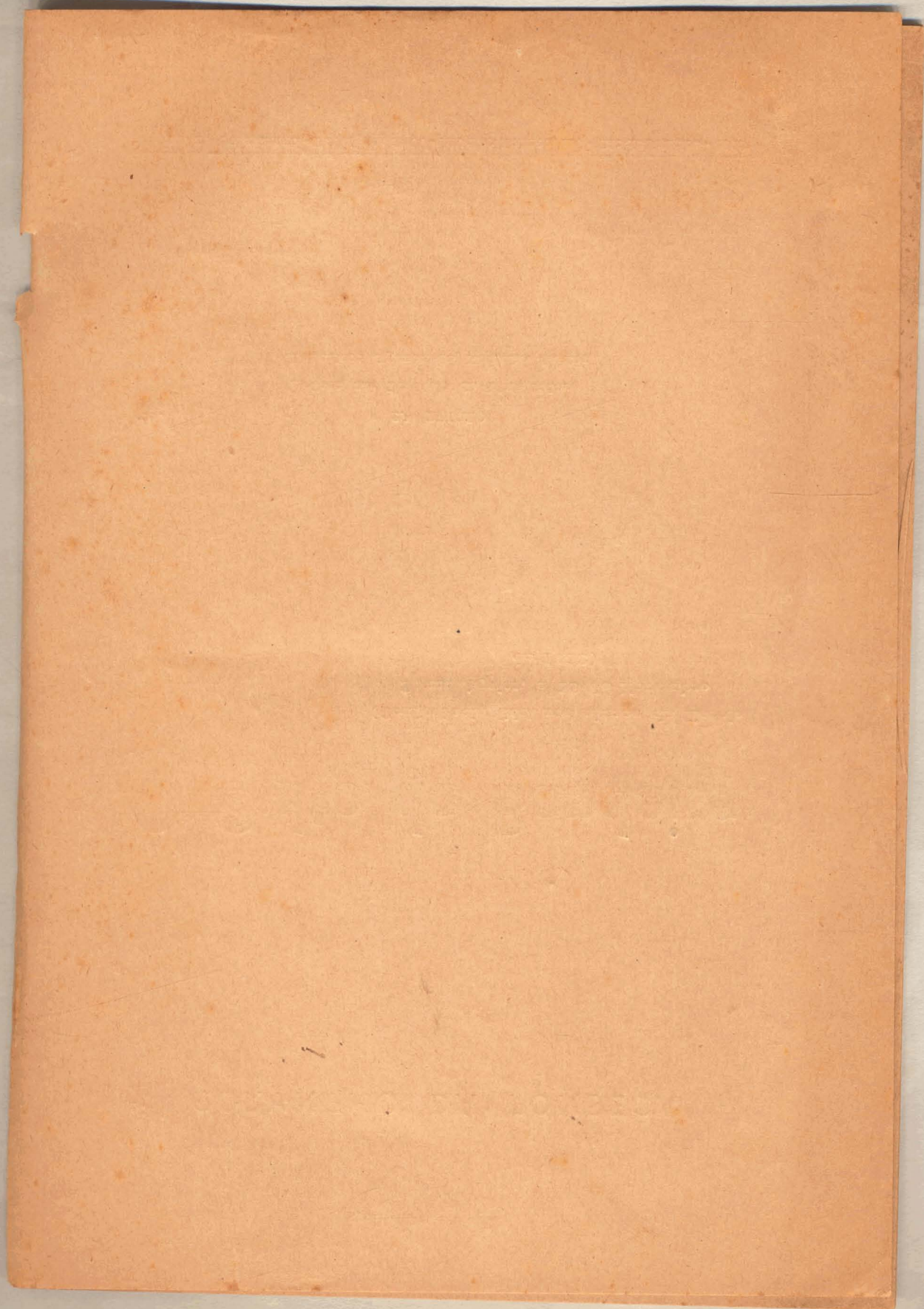
O Culto da Bandeira

(Conferência lida aos alunos da Escola
Souza Aguiar, a 19 de Novembro
de 1912)



2.^a EDIÇÃO

Com um Prefácio do historiador
Francisco Agenor de Noronha Santos



Ao sr. Helio Bastos Silva,
o Comendador,
Rio, 28-7-50

PREFACIO

A primeira bandeira da Republica foi o estandarte do "Centro Republicano Lopes Trovão."

Por iniciativa do Dr. Tomaz Delfino dos Santos foi confeccionado esse estandarte, á semelhança da bandeira dos Estados Unidos da America do Norte, na alfaiataria de José Maximiano de Souza Barros, na antiga rua do Hospicio.

Era constituída essa insignia democrática por listras verde e amarela, alternadas, tendo, ao canto superior, pequeno retângulo preto com vinte estrelas brancas, correspondentes ao numero das Provincias do Brasil.

Durante a propaganda, desfraldou por vezes o Centro Lopes Trovão, o seu lindo estandarte pelas ruas do Rio de Janeiro. Conduzido pelo escritor Valentim Magalhães, figurou na recepção de seu patrono, de regresso da Europa. A 14 de Julho de 1889, centenário da queda da Bastilha, atravessou, debaixo de aclamações populares, a rua do Ouvidor.

A 15 de Novembro, estudantes das escolas de Medicina e Politécnica, saíram em prestito civico do sobrado numero 32 do largo do Rosário, no mesmo local onde tambem funcionava o Club Tiradentes e tendo á frente o estandarte republicano, acorreram ao quartel general do exercito, onde receberam armamento e acantonaram á disposição do Governo Provisorio. Por iniciativa do professor da Escola de Medicina, Dr. Erico Marinho da Gama Coelho, fundou-se a 16, o Batalhão Académico, que, mais tarde, viria prestar á Republica excelentes serviços por occasião da insurreição monarquica de 93-94. Com os mesmos intuitos, o Club Tiradentes organizou em Dezembro um corpo civil de estudantes e proletarios.

Desde ás 8 horas da manhã de 15 de Novembro, já uma grande multidão popular que afluira de todos os pontos da cidade, começara a aglomerar-se nos espaços que a trona deixára livre na amplidão da praça — assim o diz Sertório de Castro (A Republica que a revolução destruiu — pag. 31).

A massa popular que, no mesmo dia do movimento revolucionário, percorreu entusiasticamente as ruas cariocas, não se mostrava bestializada, no conceito impreciso de Aristides Lobo, na correspondencia publicada no "Diario Popular", de São Paulo, a 18 de Novembro de 89.

A vibrante geração daqueles dias, hoje encanecida, e que assistiu á proclamação da Republica, guardou imorredoura lembrança dos successos de 15 de Novembro. Aos poucos sobreviventes dessa geração — talvez a maior pela fé e pela bravura em todos os tempos do Brasil, cabe o dever de contestar o conceito falho de que o movimento civico que extinguiu a monarquia, deflagrara sem nenhum objetivo social — como se fôra simples revolta de soldados indisciplinados.

“A facilidade com que a revolução de 15 de Novembro extirpou em nossa Patria e monarquia — pondera Basilio de Magalhães — patenteia que essa planta européia estava pouco profundamente radicada em nosso sólo” (Dic. Hist. e Geogr. — Inst Hist — Centenário da Independência — 1.º vol. — pag. 923).

Ao demais, a presença de Quintino Bocaiuva junto dos chefes militares, mostra-nos de fôrma iniludível que o grande evangelizador do novo crêdo politico e diretor espiritual da propaganda, estava solidário com a revolução e em perfeita harmonia com Deodoro e Benjamin.

Uma representação popular endereçada ao exercito e á armada, redigida por José do Patrocínio, reclamava a imediata decretação da nova fôrma de govêrno.

Civis e militares, erguendo o lábaro do Centro Lopes Trovão, desfilaram, de novo, desde a rua do Ouvidor até o edificio da Camara Municipal. As 2 horas da tarde, reunidos na “Cidade do Rio” varios cidadãos deliberaram convidar o povo a seguir até o paço municipal, para que em seu recinto se proclamasse a Republica, homologando por essa fôrma a vontade da tropa.

E ás 2 1/2 horas, com aquele estandarte á frente e carregado pelo estudante Domingos Mascarenhas, os republicanos Anibal Falcão, Silva Jardim, Tomaz Delfino João Clapp, Campos da Paz, Magalhães Castro, Pardal Mallet, Lopes Trovão, Dermeval da Fonseca e outros, se dirigiram ao paço municipal (no predio que foi demolido á praça da Republica), fazendo o trajêto pelas ruas do Ouvidor, largo S. Francisco de Paula, rua do Teatro, praça da Constituição, rua deste nome e praça da Aclamação. Em cada logradouro percorrido, novo bando de cidadãos vinha incorporar-se ao préstito. O povo penetra no edificio da Municipalidade, guiado pelo vereador José do Patrocínio — o mais moço dos edis.

No salão nobre, fala Silva Jardim, que lê a moção popular, elegendo o Govêrno Provisorio. Em seguida, subindo a uma cadeira, discursa o grande jornalista da Abolição, declarando extinta a monarquia.

Pedro Francisco Gonçalves hasteia na fachada do paço municipal o estandarte do “Centro Republicano Lopes Trovão”, que ali se conserva durante alguns dias.

Presentes os membros do Govêrno Provisorio assinam a Ata de pôsse — valioso documento histórico com cerca de setecentas assinaturas, em 39 laudas de 17 linhas, guardado no Arquivo Municipal.

A 19 de Novembro de 1889, decretou-se a nova bandeira nacional, mas só a 25 do mesmo mês e ano hastearam-n’a nos quartéis, fortalezas e navios de guerra.

O velho estandarte ficou esquecido, jogado a um canto da séde do Conselho Municipal. Em abril de 1912, sob o titulo — Uma dúvida historica, “O Paiz” abriu interessante inquerito a respeito, com a nossa contribuição e especialmente do brilhante jornalista que foi Lindolfo Azevedo, redator do grande jornal da propaganda republicana.

Em Março de 1913 era, afinal, recolhido ao Arquivo Municipal o estandarte histórico, que, por iniciativa nossa e com o prestimoso auxilio de Coryntho da Fonseca foi colocado numa elegante vitrine, expressamente feita para esse fim na Escola Souza Aguiar, sob a direção do ilustre jornalista e emerito educador.

Com a organização do Museu Histórico da Cidade, fizeram-n’o recolher a êste estabelecimento cultural, demarcando uma das etapas da evolução carioca.

* * *

A bandeira republicana, decretada pelo Govêrno Provisorio a 19 de Novembro de 1889, encontrou logo em seus primeiros tempos adver-

sários, não diremos impenitentes, mas impertinentes. O primeiro projeto derrotista foi apresentado á Camara dos Deputados em 1892 pelos coroneis Manuel de Oliveira Valadão, Firmino Pires Ferreira e capitão tenente Artur Indio do Brasil e Silva, representantes, respectivamente, de Sergipe, Piauí e Pará, substituindo a esfera celeste pelas armas da Republica, sem inscrições, e alterado para marinho o azul celeste.

O projeto morreu tristemente ao nascedouro, com a condenação formal das correntes politicas que apoiaram o governo benemerito de Floriano.

Depois vieram as escaramuças dos saudosistas do Império, com livros e panfletos, sendo de uma feita combatidos por Coryntho da Fonseca na A Tribuna e dias após por Lindolfo Azevedo, no O Paiz.

Isto ocorreu em dias de 1908 — não sabemos bem o mês.

Coryntho da Fonseca lembrava a premente necessidade civica e moral do culto sistematico á bandeira nacional nas escolas.

Pela mesma época, Manuel Tavares da Costa Miranda e Alipio Bandeira — dois grandes combatentes, traçaram um programa vasto, abrangendo varios aspectos da comemoração civica a adotar, de forma a que, por toda parte, nas escolas, nos quartéis e navios, nas fabricas etc, se estendesse o culto ao pavilhão nacional.

A ideia tomou vulto, cresceram em pouco tempo as manifestações de solidariedade, inclusive do Presidente Nilo Peçanha, que se mostrou muito interessado por tais manifestações patrioticas.

Inaugurou-se assim, a 19 de Novembro de 1908, a grande festa civica, sob os melhores auspicios, realizando-se com brilhantismo a primeira solenidade no edificio da Prefeitura do Distrito Federal.

Coryntho da Fonseca permaneceu em seu posto de combate, irreductivel, sincero e entusiasta. Como um dos bons granadeiros da lêtra de forma, aproveitou-se habilmente, por aqueles dias, de ruído incidente ocorrido no templo da Candelaria, nos funerais de um oficial de marinha.

Terminada a refrega e encostada a munição e já retirados da lição os contendores, lançou, então, o vibrante homem de imprensa a idia de uma festa civica em honra da bandeira republicana que o derrotismo malsinara.

Secundando-lhe os esforços, numa atividade febril e sempre desambiciosa, ninguém excedeu nessa louvavel e patriótica tarefa a Manuel Miranda, o integro, culto e saudoso amigo Manéco Miranda.

Em Abril de 1933, o General Pedro Aurelio de Góes Monteiro teve o grande mérito de fazer com que todos os verdadeiros republicanos cerrassem fileiras ao lado do pavilhão nacional, condenando a desasturada ideia que êle tivéra de mudança do simbolo da Pátria.

Em defesa da bandeira, consagrada pelo sangue dos que morreram nas lutas civis, Manuel Miranda, Coryntho da Fonseca, Pereira Lessa e outros, vieram de novo ás trincheiras da democracia em prol da manutenção do pavilhão que assistiu galhardamente a varios embates da nacionalidade.

Esta é, precisamente, a origem da bela comemoração civica que, anualmente, registra o Brasil, a 19 de Novembro.

Coryntho da Fonseca, coadjuvado por um grupo de republicanos, continuou vivamente interessado pelo culto que em boa hora lançára através daquela semente, facilmente germinada no espirito e no coração dos brasileiros.

Mas, o que poucos sabem é que o brilhante jornalista e nosso velho amigo, autor desta Cartilha Civica que é "O Culto da Bandeira" foi o semeador incansavel e abnegado da cruzada patriótica que temos agora o prazer de recordar.

Amando a bandeira republicana, que sintetisa as aspirações dos patriotas, a garantia da mais ampla liberdade de Consciência, teremos respondido aos retrogrados de todos os matizes e aos excessos dos extremismos da direita e da esquerda.

Não é só o culto da Pátria — unida e forte — que se dignifica através daquele formoso símbolo.

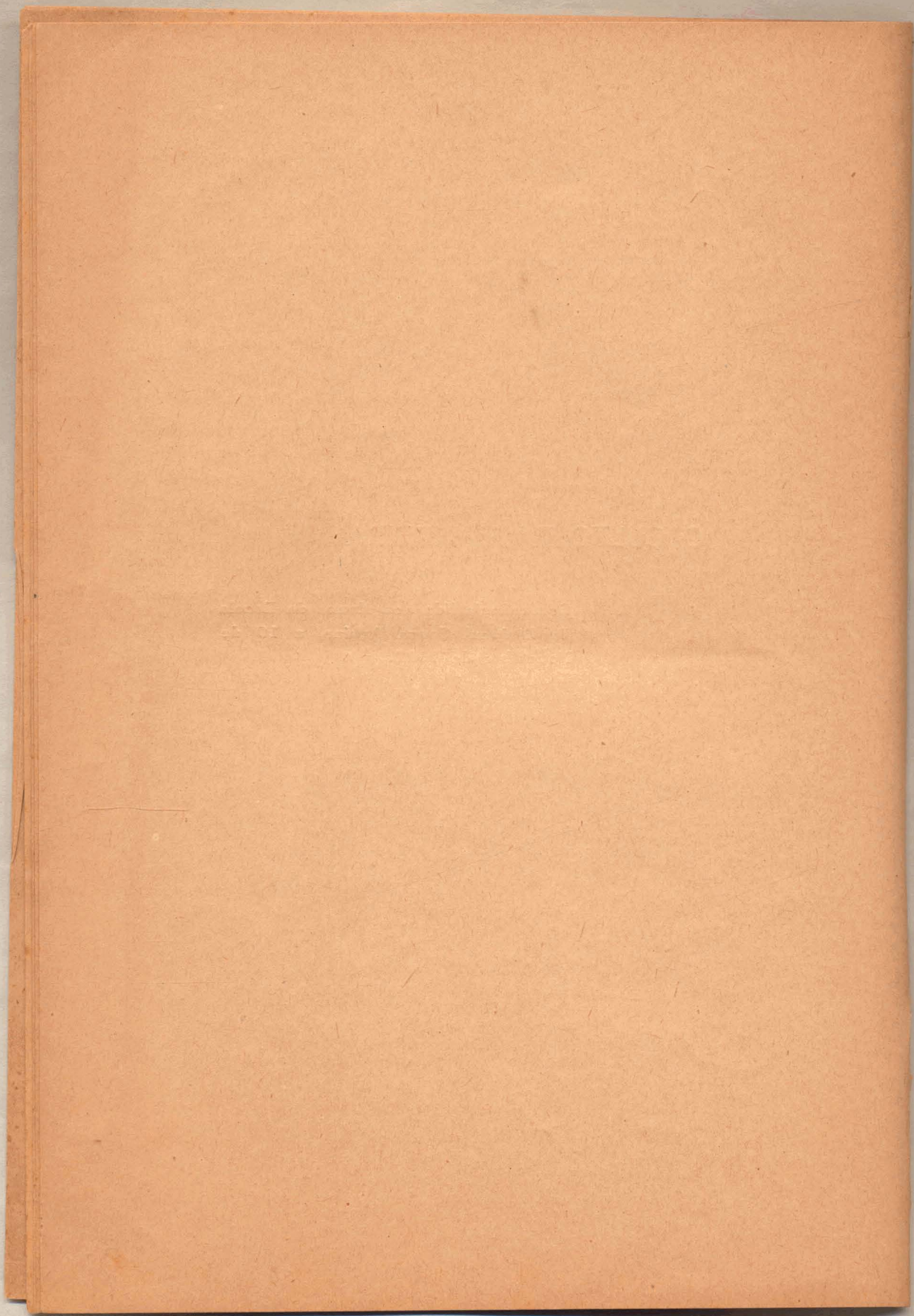
É, sobretudo, o grande culto á liberdade que rendemos nestes dias convulsionados porque passa o mundo, em que as necessidades de ordem moral e intelectual tracam novos rumos á existencia humana...

Outubro de 1946.

NORONHA SANTOS.

O CULTO DA BANDEIRA

Conferência lida aos alunos da Escola
Profissional Souza Aguiar, a 19 de
Novembro de 1912.



Meus amigos

Antes de falar-vos do querido pendão a que hoje prestamos a mais carinhosa e entusiástica das homenagens, devo assinalar-vos, aqui, uma circunstância, para mim feliz.

Aquele que ora vos dirige a palavra, como vosso diretor, foi, na imprensa, um dos que lançaram a semente deste belo culto da bandeira, quando, em 1908, com Manoel Miranda, Agenor Noronha Santos, Lindolfo Azevedo, Alipio Bandeira e outros, também protestou contra uma tentativa, vinda de origem suspeita, para a reforma do pavilhão, em livro, então publicado, de critica á composição que tem a nossa gloriosa bandeira.

Não fala aqui a minha vaidade, lembrando esta circunstância, mas sim a grande satisfação de realizar eu, na administração publica, pela primeira vês, uma cerimonia tão significativa e patriótica como esta, em cuja instituição tive a honra de colaborar como jornalista. E porque ainda vibram em mim os mesmos motivos que me levaram, ha quatro anos, a rebater uma critica pelo menos desarrazoada, aqui vou mostrar-vos como esse trapo glorioso que agora pende do mastro deste instituto, resumo, completamente, todo esse nosso amado Brasil, cabendo dentro dele tudo quanto diz a segunda estrofe do inspirado hino do nosso glorioso poeta Olavo Bilac, hino que acabais de cantar:

“Em teu seio formoso retratas
Este céu de purissimo azul,
A verdura sem par destas matas
E o esplendor do Cruzeiro do Sul”.

Antes de tudo, devo notar-vos, meus meninos, que os creadores da bandeira republicana conservaram todos os carateristicos que se puderam manter intactos no pavilhão que desde a independência se levantára, proclamando ao mundo que surgira uma nação nova, a trabalhar pela paz universal e pelo progresso humano.

Como sabeis, a bandeira que nos serviu na monarquia, ostentava uma corôa onde hoje vêmos o globo. Pois só af se fês a alteração, no novo regimen, isto é, onde o pavilhão deixava de ser um simbolo de patria, para particularizar um regimen politico.

No mais, a Republica conservou a fórma e as côres primitivas.

Ao centro do losango amarelo, em lugar da corôa, simbolo do predomínio e submissão por uma formula de governo, a monarquia, isto é, o predomínio de uma casta, de uma familia, por direitos de hereditariedade absoluta, nós puzêmos esse “céu de purissimo azul” como diz o formoso hino civico. E, sobre este céu, como no nosso céu, esse que nos cobre e deslumbra, uma frase de movimento, de atividade e de vida, sonóra, empolgante e entusiastica, como um grito de — avante! — lançado sobre um exercito em luta. Com uma diferença,

porém: é que essa frase não excita nem provoca os gritos e as imprecações das carabinas e dos canhões, em campo de batalha: é um — avante! — mais humano e incruento, a um outro exercito que não mata, que dá vida, que não destrói, antes constrói. Não é um grito de morte e de destruição; é uma legenda de trabalho, de atividade e de construção.

A corôa era um simbolo de dedicação idolatra que visava apenas as pessoas reinantes, os dominadores exclusivos do governo do paiz.

O — Ordem e Progresso — que se acha ora inscrito na bandeira, abriu uma porta mais larga aos destinos do Brasil e, de uma idéia de predomínio perpetuo, transformou-se, evoluiu para um apelo fraternal e convidativo, estimulante e animador, dirigido a todos quantos se abrigam debaixo da gloriosa bandeira que o inscreveu no seu seio.

Substituímos um simbolo de dominio e submissão, por uma formula altamente democratica de propulsão coletiva, pela qual a todos nós é dado intervir imediatamente na direção do paiz, para o seu progresso e desenvolvimento.

Desta sorte, a bandeira republicana conservou, da bandeira da monarquia, aquilo que tradicionalmente representa a Patria, uma e forte, indiferente ás situações politicas e que, como tal, fizera vibrar gerações de brasileiros.

Para todos eles, como para todos nós, ela foi e tem sido a mesma, nas côres e na disposição delas, esse brilhante losango amarelo inscrito no retangulo verde, e que a Republica encontrou já carregado de glorias do Passado. Pôs de parte, sómente, na unica substituição que se permitiu fazer, apenas o que na bandeira afirmava uma formula politica — a corôa.

A bandeira republicana, pois, não repudiou, antes recebeu e conservou com desvelo, aquilo que na sua substituída representava a tradição, não a tradição politica de um regimen sem raízes, mas a tradição das glorias do exclusivo patrimonio do povo, a simbolização de sua riqueza e de sua fôrça.

Por meio do seu simbolo sagrado, o Brasil não sofreu solução de continuidade; prosseguiu pela identidade da representação simbolica, a ser a grande patria dos nossos avós, servindo a mudança feita apenas para indicar que, se a Patria permanecia a mesma — contínua e indivisível — progredira, entretanto, na evolução de um regimen para outro.

Podeis, podemos, pois, dizer:

Esta não é sómente a bandeira republicana, é a velha e tradicional bandeira da nossa Patria que, ha quasi um seculo, simbolisa a nossa nacionalidade, acompanhando-a em todos os tramites de sua vida.

E por isso que ela assim é, devemos ama-la e venera-la, celebrando, como o fazemos hoje, o seu culto sagrado.

Mas o carinho que hoje lhe testemunhamos solenemente, não deve nem pôde ser uma cousa excepcional. O dia de hoje é como a data natalicia de alguém que nos é caro mas que, além das festas e demonstrações que habitualmente se fazem, em tais dias, precisa de uma dedicação constante, de um amor de todos os dias.

Já imagino que, á fôrça de vê-la desfraldada sobre o brilho garboso dos batalhões, pensareis, talvez, no ruido dos combates, em que a noção da Patria se confunde com idéias de agressão e de defeza.

Mal andaríamos nós se a nossa bandeira só pudesse receber, no seu culto, homenagens desta natureza, sacrificios de vidas, oferendas de sangue. Chegaríamos, assim, a uma formula de patriotismo sanguinário que só poderia ter expansão nos campos de batalha.

Assim, ou viveríamos constantemente em lutas selvagens e sangrentas ou, á falta de motivos para guerras, já não poderíamos cultua-la.

Entretanto, o culto á bandeira precisa de ser, deve ser, um culto de todos os dias, de todas as horas, porque até num bom pensamento, que aparentemente nada tenha a vêr com o sentido mais comum do patriotismo, podereis praticar o culto sagrado da bandeira, tornando-vos dignos da Patria que ela simbolisa.

Isto, aliás, se explica facilmente.

Esforçando-se cada um de vós por ser nobre, por ser bom, por ser justo, vós todos, que sois o povo brasileiro, somareis um belo total, constituindo um grande povo guiado por sentimentos de nobreza, de bondade e de justiça.

O trabalho, eis outro meio; o resultado do vosso trabalho representará um valor que aumentará na razão direta do esforço de cada um e todos estes esforços e todos esses resultados darão, reunidos, uma alta expressão de grandeza e de força á nossa Patria.

O aspecto, mesmo, da nossa bandeira, a mais bela e a mais expressiva de todas as bandeiras, não nos fala em guerras ou em manifestações de força agressiva.

Olhai-a; ela se compõe de quatro côres igualmente formosas, brilhantes, suaves e incruentas; o verde, o amarelo, o azul e o branco...

Nem uma nota de vermelho sangrento, dessas que simbolisam, no pavilhão de muitos povos, historias dolorosas e dificeis, vibrantes, mas cruentas, em que cada conquista em pról do aperfeiçoamento e do progresso, se fêz á custa de caudais de sangue derramado.

Pelas suas côres, ela fala da natureza intensamente exuberante; fala da força, força de produção, serena, dominadora, pacifica e benéfica, como a dos genios bons de que já ouvistes falar nas historias cheias de fantasia que de certo vos embalaram os primeiros sonhos de meninice; fala do céu, fala de bondade e de sentimentos nobres e puros.

Ela mesma vos diz, quer na côr, quer na frase, com que se remata, ao centro, como deseja ser bem servida.

Ela propria vos oferece o programa do seu culto, no seu aspecto. Senão, vejamos; ela é verde, de um verde intenso e forte, com o qual vos mostra a fertilidade infatigavel da nossa natureza, á espera do esforço do nosso braço, sempre pronta a devolver-nos esse esforço, centuplicado em resultados.

Ela é amarela, de um amarelo de ouro fulgido, não esse ouro miseravel e raro que se esconde, ás migalhas, no seio da terra ou ao fundo das correntes de certos rios excepcionais, e que nenhum valor tem senão o da sua propria miséria, da sua propria raridade; mas um outro, simbolo de força e de grandeza.

Aquele verde representa "a verdura sem par dessas matas", como diz o hino de Bilac e Francisco Braga, que é uma verdadeira cartilha de civismo.

Ele nos fala da opulencia dessas matas, da sua intensidade de produção e de valorização. Traduzindo essa representação para o campo economico, ela se chama agricultura, fonte formidavel de riqueza e de felicidade, quando o trabalho do homem aperta a mão da natureza, na mais nobre das alianças.

E' classica a representação da força e do poder, pela côr do ouro. Pois os resultados do trabalho e a fecundidade desse verde opulento irão traduzir-se em elementos de força e vigor, tornando mais intensa e firme a nobre côr do losango da bandeira.

Nele e na sua côr, encontrareis a representação da nossa natureza uberrima, sistematizada pela agricultura, indo repercutirem os resultados do seu progresso em valores que esse amarelo do losango re-

presenta. Além disso, nesse ouro, repito, encontrareis mais uma representação que vos deve ser particularmente grata; a industria fabril, para a qual vos preparais, com esforço e dedicação.

Os valores do vosso esforço, como operarios, irão semar-se, aí, nesse belo ouro da vossa bandeira, com os resultados do esforço de vossos irmãos em trabalho, os operarios agricolas.

Tendes aí, pois, nessas duas côres, a simbolização das duas forças maximas que intervêm na formação da grandeza dos povos, porque nada melhor, para atestar o vigor de uma nação, do que a certeza de que constitui um povo que se rége pelos principios ativos do trabalho, movimento de translação e propulsão comum a todo o universo, no qual um momento de suspensão, de interrupção, representaria o mais formidavel cataclismo.

A bandeira é, finalmente, azul e branca, no gracioso globo que lhe está ao centro, simbolizando a nossa generosidade tradicional, os nossos sentimentos nobres, a nossa forte inteletualidade.

E sobre esse globo azul estrelado, no meio da representação dos nossos Estados, brilha a constelação do Cruzeiro do Sul. Por meio dele, a bandeira, a Patria vos diz — aproveitando o belo simbolo que é a cruz, o glorioso lenho, instrumento do martirio e do sacrificio abnegado de Jesus, em bem da humanidade — que conta com o vosso amor, com a vossa dedicação, com o vosso devotamento, nos momentos mais dificeis, até á abnegação, até ao sacrificio.

Finalmente, em um remate feliz, a bandeira faz um resumo eloquente de todas as intenções e sugestões que vibram nela. Através do céu que se lhe abre no seio, passa, como um sorriso bom que nos anima, que nos conforta, que nos impele para a frente, para a conquista de glorias futuras sobre a faixa branca que circunda o globo em um suave abraço, essa vibrante frase que é a formula sintese da evolução e do engrandecimento de todos os povos modernos: — Ordem e Progresso.

Aí tendes, meus queridos amigos, perfeitamente identificado com a vossa, com a nossa Patria, esse pedaço de pano que pende desse mastro.

Ele é o retrato fiel, a imagem perfeita da nossa querida Patria.

E' ela propria, toda inteira, que aí está, sintetizada na sua natureza, na sua força e nos seus ideais: verde, amarelo, azul e branco... E para completar a sua corporificação, a verosimilhança da identidade, ela é mais do que um retrato imovel que materialmente nada nos diz

Esta bandeira, a nossa bandeira, vai além. Não se contenta com ser a nossa Patria que vêmos, muda, na côr e no desenho.

Ela tambem nos fala. Não a vêmos sómente. Nós a ouvimos. E' a Patria que até nos fala, numa boa frase de vida, de vigor, de animação: "ORDEM E PROGRESSO".

Tendes, temos, pois, a mais bela das bandeiras, e, por isso, deve ser a mais amada, a mais querida.

Nenhuma é tão completa e perfeita na sua absoluta semelhança com a patria que representa, com detalhes de aproximação tão minuciosos.

Ha um glorioso poeta francês que ainda não podeis conhecer de leitura, o qual, em um dos seus poemas, nos dá uma perfeita impressão do valor dos simbolos como este da bandeira, para a representação da Patria.

Embóra não possais lêr ainda esse poeta, convém que, desde já, lhe guardeis o nome, que é um nome a reter com amor; chama-se Edmundo Rostand.

Nesse poema a que me refiro, ele conta o seguinte fato, em versos magníficos e suaves:

A França estava em guerra com a Hespanha e do exercito francês fazia parte um batalhão só de gascões, todos eles naturais de uma provincia franceza, a Gasconha, como seria aqui um batalhão de paulistas, fluminenses, ou cariocas.

Tinham-se exgotado os viveres; a situação era perigosa, a fome começava a alquebrar os valorosos soldados francezes, celebres pela sua ousada valentia.

A situação era terrível, pois um ataque dos espanhóis encontraria os francezes em um estado tal de abatimento moral e fisico, que estes sofreriam derrota, porque um exercito desmoralizado é um exercito préviamente derrotado.

Era preciso reergue-los de qualquer maneira, faze-los esquecerem o estomago para lembrar-lhes a Patria em perigo.

Um desses gascões, de nome Cyrano de Bergerac, lembrou-se de salvar a situação.

Chamou um velho pastor, tambem gascão, e mandou-lhe que tocasse na sua flauta campestre, árias das terras da Gasconha...

A musica simples e rustica começou... A pouco e pouco, o acampamento foi se levantando da modorra e da apatia com que se achava. Cada nota saida da flauta era um recanto da Patria que se revelava.

Dentro daquela musica inculta, toda a Gasconha apareceu... todos se lembraram dela comovidos... Mas a Gasconha era a França, a França perigava na batalha, e eles, gascões e francezes, precisavam de salva-la, já, agora, vibrantes, em fremitos de amor patrio, que a saudade despertára.

Dali a pouco a fome fugira vergonhosamente diante do heroísmo.

A idéia da patria esmagára as exigencias do estomago... E, quando os espanhóis chegaram, foram rudemente recebidos.

Quando virdes esta bandeira, ela será para vós o que aquela flauta campestre foi para os gascões; mas, com uma diferença, para melhor. O rude instrumento não dizia mais do que uma ária evocativa e saudosa. E esta bandeira fala-vos da Patria por todas as fórmats, em todos os seus detalhes.

Representantes diretos que sereis, como já vos disse, da industria, que é uma das maiores forças vivas de nossa Patria, o brilho resultante do vosso esforço e do vosso trabalho está simbolizado no amarelo fulgido da nossa bandeira.

Notai bem, portanto. Depende do esforço de cada um de vós que esse amarelo refulja sempre forte e brilhante, num tom ofuscador de ouro novo. Depende de vós que não impalideça nunca, descambando para o amarelo livido das anemias que representam, para uma nação, toda a especie de fraquezas, fonte e causa de toda a especie de miserias e humilhações. Com muita applicação ao trabalho de aprendizagem, ao lado da pratica das virtudes que distinguem e nobilitam o homem, conseguireis prestar perfeitamente, tão bem como o mais graduado cidadão do paiz, máu grado a modestia de vossa condição, o culto á bandeira.

Mais tarde, sereis homens, sereis operarios. E mister, é essencial, então, que nos vão empolgum completamente os interesses imediatos da luta pela vida.

Meus amigos. Não vos esqueçais nunca desta pratica que era vos fazer; não vos esqueçais nunca da vossa bandeira. Quando, na officina, vos fôr confiado um pedaço de materia prima em bruto, para o transformardes, com a habilidade de vossas mãos, em um formoso artefato, lembrai-vos de que o vosso trabalho valorizou o que nada valia, in-

corporou ao patrimonio das cousas do uso humano, uma quantidade nova, e que essa quantidade nova vai concorrer para aumentar a riqueza nacional; vai concorrer para tornar mais intenso, mais firme e mais brilhante, o ouro da vossa querida bandeira.

Lembraí-vos de que o vosso artefato, bem acabado, artistico, saindo dos nossos portos, vai glorificar no estrangeiro a nossa bandeira, afirmando o progresso da industria brasileira, quer nas praças comerciais, quer nas exposições.

Lembraí-vos disto tudo, meus queridos amigos, porque é mister, é urgente, é indispensavel, para que a nossa Patria seja grande e prospera, nobre e respeitada, que, quando tiverdes em mão um artefato, por mais insignificante que ele seja, não vos absorvais exclusivamente pela idéa do immediato lucro pecuniario que ele vos possa trazer e á vossa familia. O artefato precisa de ser perfeito, ter grande valor, não só para ganhades dinheiro mas, principalmente, para aumentar a perfeição e o valor da industria de vossa patria.

Trabalhareis, é verdade, para o sustento vosso e dos vossos, com um interesse natural de subsistencia. Mas que este sentimento não vos empolgue de todo.

Trabalhai bem, trabalhai muito, valorizai o vosso trabalho, já não mais, sómente, pelo salario que o trabalho vos render. Trabalhai pelo valor novo que o vosso trabalho vai incorporar á riqueza do vosso paiz; trabalhai pelo progresso da industria nacional; trabalhai pela sua perfeição: — TRABALHAI PELA BANDEIRA !

